

ENTREVISTA¹

Cristian Mayko Carvalho da Costa



Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos - PPGARQ/UNIRIO (2020-2023). Especialista em Gestão de Documentos e Informações - Faculdade Unyleya (2016-2018). Bacharel em Arquivologia - FAARQ/UFPA (2012-2016). Exerce o cargo de diretor do Arquivo Central da UFPA (jan. 2022-), onde é enquadrado como Técnico Administrativo em Educação (TAE) (2016-), Arquivista. Experiências: a) Gestão e liderança; b) Implantação de Processos Eletrônicos; c) Gestão de documentos arquivísticos digitais; d) Gestão de Documentos (elaboração de instrumentos de controle; classificação, avaliação e organização de documentos); e) Representação Arquivística (aplicação e uso da Norma Brasileira de Descrição Arquivística); f) Identificação de Tipologias Documentais; g) Gestão de Processos; h) Gestão de Projetos e Liderança; i) Adequação à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD); j) Capacitação e treinamento de servidores nas áreas de Processos Eletrônicos, Gestão de Documentos, Protocolo, Organização de Arquivos e Diplomática. Presidente da Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (jun. 2022-). Dirigente do órgão responsável pela coordenação do sistema de arquivos e da política arquivística da UFPA. Membro da Comissão de Adequação à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (jun. 2021-). Líder da Comissão de Implantação do Processo Administrativo Eletrônico (out. 2019-). Fundação Darcy Ribeiro, Técnico em Documentação (jul. 2015-nov. 2015) (Niterói, RJ). Bolsista na Associação dos Amigos dos Arquivos Públicos do Pará (2014 - 2015). Estagiário no Arquivo Público do Estado do Pará (jul. 2013-nov. 2014).

¹ Entrevista realizada remotamente no dia 5 de junho de 2023, por Adelaide Ramos e Corte, Fábio Cordeiro e Maria Tereza Machado Teles Walter.

Revista Eletrônica da ABDF. Por favor, fale um pouco sobre sua vida profissional, por que decidiu escolher essa profissão, onde e quando se formou, como e quando foi seu ingresso no exercício da profissão.

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Entrei no curso de Arquivologia da Universidade Federal do Pará em 2012. Sou da primeira turma do curso aqui no Pará, então era uma área nova.

Naquele período eu estava concluindo o ensino médio, então estava naquele momento de decidir a vida profissional. O ensino médio cursei no Instituto Federal do Pará, que eram os antigos CEFETs². Lá fazia o curso de técnico em estradas, então uma área totalmente diferente da que acabei vindo. Mas o quê que aconteceu?

Na época do ensino médio, na conclusão, depois de fazer estágio cheguei à conclusão de que aquela não era a área mais adequada para mim, que não me daria tão bem na engenharia civil, na construção civil. Aí tentei buscar uma outra opção, fui ver o catálogo de cursos da UFPA³ e da UEPA⁴, que são as universidades estaduais daqui, e vi o nome do curso de Arquivologia e vi, também, a informação de que era a primeira vez que o curso estava sendo ofertado. Então comecei a pesquisar sobre a área para entender um pouquinho o que era aquela profissão que nunca tinha ouvido falar, o que fazia aquele profissional, que também nunca tinha ouvido falar.

² NE: Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), posteriormente Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Para saber mais: <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/instituicoes>. Acesso em: 12 jun. 2023. No Pará: <https://ifpa.edu.br/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

³ NE: Universidade Federal do Pará (UFPA). Disponível em: <https://www.ufpa.br/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

⁴ NE: Universidade do Estado do Pará (UEPA). Disponível em: <https://www.uepa.br/>. Acesso em: 12 jun. 2023.

E comecei a conhecer a área a partir dessas pesquisas, para fazer o vestibular mesmo.

Como era uma área nova, entendi que era cheia de perspectiva, com um mercado amplo aqui na cidade, aqui no estado, porque não tinha profissionais formados ainda. Comecei a observar isso e pensar que era uma possibilidade de empregabilidade rápida e que seria mais fácil a entrada no mercado de trabalho. Essa opção fiz a partir desse contexto, entrei no curso em 2012 e formei em 2016, em uma grande correria porque durante o sexto semestre do curso houve um concurso público aqui na própria UFPA para Arquivista.

Naquele período — isso foi no segundo semestre de 2015 — os nossos professores nos incentivavam a fazermos os concursos nos prepararmos para as provas e o destino foi maravilhoso porque casou que naquela prova de concurso, a temática da área específica caiu muito de acordo com o que estávamos vendo em sala de aula. Assim, quando fiz a prova acabei me saindo bem, consegui entrar entre os classificados do concurso e tive que correr para poder fazer a conclusão do curso, fazer TCC⁵. Enfim, foi uma grande correria.

Consegui concluir em 7 semestres, em maio de 2016 e já estava perto de ser nomeado na UFPA, na verdade... O que aconteceu? Como estava em quarto lugar e eram 5 vagas, tinha pedido aqui para o pessoal da gestão de pessoas para que eles pudessem aguardar um pouquinho a minha conclusão, e aí eles aguardaram o máximo que puderam, para eu poder defender o TCC, que eu defendi no dia 19 de maio de 2016. No dia 17 de junho eles me nomearam. Foi quando corri para ter a minha colação de grau, que foi em secretaria, etc., e já comecei a trabalhar no dia 15 de julho! Passei assim... mais ou menos um mês e pouquinho depois que concluí o curso.

Vim direto para a UFPA para trabalhar como arquivista na Universidade que, quando entrei, estava acontecendo uma reestruturação de equipe. Entrei no Arquivo

⁵ NE: Trabalho de conclusão de curso (TCC).

Central aqui da UFPA, fiquei algumas semanas em uma coordenadoria, de gestão documental, e, um mês e meio depois, a diretora do Arquivo Central me encaminhou para trabalhar na seção de protocolo geral, onde assumi como chefe daquela divisão e fiquei por lá por três anos. Foi um período de muita experiência, porque a gente trabalha muito em protocolo, lida com muita documentação, muitos processos. Todos os processos da universidade eram físicos, na época. Tem uma sazonalidade, pois tem períodos que entram muito mais processos, outros mais tranquilos. Mas consegui vivenciar bastante coisa ali, só que chegou um momento que percebia que estava estagnado na função que estava exercendo, porque fazia uma função de revisão do cadastramento de processos. O pessoal cadastrava os processos no sistema e eu revisava se a classificação que tinham dado para esses documentos era adequada, de acordo com o código de classificação das atividades meio e fim da administração pública e das IFES⁶.

Eu fazia essa revisão diariamente e chegou um momento que achei já tinha sido suficiente, que precisava fazer alguma outra coisa. Conversei com a então diretora do Arquivo Central, coloquei essa insatisfação – de que precisava de novos desafios

– e ela me convidou para começar a estudar para fazer a implantação do processo eletrônico na Universidade. Já tinha legislação obrigando as universidades, a administração pública, a utilizar e não tínhamos implantado ainda. Quando ela fez esse convite e comecei a fazer esse estudo, a trabalhar com processos eletrônicos, o quê que acontece?

Saí do protocolo geral e fui trabalhar em um outro setor, que era a Pró-Reitoria de Desenvolvimento de Gestão de Pessoal, onde queriam fazer a implantação de processos eletrônicos voltados para os processos de pessoal. Fui trabalhar com eles e começamos a estudar sobre o sistema. Já utilizávamos um sistema informatizado,

⁶ NE: Institutos Federais de Ensino Superior (IFES). Para saber mais: <http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/103-prestacao-de-contas-309308339/prestacao-de-contas-1999-614197231/36-ifes-institutos-federais-de-ensino-superior-sp-275694020>. Acesso em: 12 jun. 2023.

mas, para os casos dos processos de documentos, utilizávamos esse sistema só como caderninho de controle. Não produzíamos nada de documentação digital. Começamos a estudar sobre isso e vimos a necessidade de que essa iniciativa fosse muito mais ampla do que apenas para os processos de gestão de pessoal e começamos a trabalhar em uma perspectiva de política da instituição mesmo, de abranger todas as unidades. Daí elaboramos uma comissão, enfim, várias pessoas participaram de vários setores para que pudéssemos fazer essa implantação.

Durante esse processo, me deu um *start* de fazer uma investigação sobre essa implantação, apesar de que eu estava ali participando disso, e trazer a discussão de como estava se desenvolvendo essa implantação a partir de uma pesquisa de mestrado. Então fiz o mestrado na Unirio⁷ para falar sobre isso.

Então foi mais ou menos assim essa trajetória. Resumidamente foi assim que cheguei até aqui. Essa questão do processo eletrônico ficou muito mais forte, as demandas exigindo muito mais essas competências para trabalhar com esse tipo de documento digital e fui convidado pelo Reitor da Universidade para ocupar a direção do arquivo central aqui na UFPA, que foi a unidade que coordenou esse processo.

Revista Eletrônica da ABDF. Então você fez um concurso, passou, mas trabalhou algum dia como arquivista ou já foi direto para o processo de gestão? Que funções você exerceu antes da atual?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Não, já vim direto para esse processo de gestão. Antes de entrar na universidade, na verdade, participei de um projeto. Em 2015, teve uma seleção do BNDES para tratar de acervos arquivísticos de prédios tombados pelo IPHAN⁸, coordenado pela Fundação Darcy Ribeiro com parceria do IPHAN do

⁷ NE: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Para saber mais: <http://www.unirio.br/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

⁸ NE: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Para saber mais: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Rio de Janeiro. Tive uns três meses de experiência nesse projeto, onde era contratado como técnico em documentação, na verdade, não era como arquivista pois ainda não estava formado, mas trabalhava com acervo arquivístico. Aí depois já foi a Universidade.

Revista Eletrônica da ABDF. Qual o sistema que usam para os processos eletrônicos?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Utilizamos o SIPAC⁹, que é o subsistema do SIG¹⁰, sistema informatizado de gestão que foi elaborado pela UFRN¹¹. Fizemos um termo de cooperação técnica para utilizar esse sistema aqui. Dentro do SIG tem o SIPAC, que é um Sistema de Patrimônio, Administração e Contratos, e dentro do SIPAC tem o módulo de protocolos.

Revista Eletrônica da ABDF. Você é o atual Diretor do arquivo da UFPA, correto?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Isso.

Revista Eletrônica da ABDF. Você fez o mestrado na Unirio? Se ausentou totalmente ou não?

⁹ NE: Sistema Integrado de Patrimônio, Administração e Contratos (SIPAC). Para saber mais: <https://sipac.ufpa.br/sipac/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

¹⁰ NE: Sistemas Integrados de Gestão (SIG). Para saber mais: https://arquivos.info.ufrn.br/arquivos/202102203500c584721146aee3f4f7d8a/res0512020_disciplina_o_relacionamento_entre_a_UFRN_e_os_interessados_nos_sistem.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023.

¹¹ NE: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Disponível em: <https://www.ufrn.br/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Não. Também foi um outro momento super tenso, porque a implantação do processo eletrônico começou com os estudos no final de 2019 e nosso planejamento era para, no final de 2020, começar efetivamente a implantar. Como veio a pandemia, o isolamento social, precisávamos de estratégias para continuar fazendo a Universidade funcionar e precisamos adiantar o máximo a implantação do processo eletrônico. Implantamos em julho de 2020 e, nesse mesmo prazo, que eu estava estudando para implantar o processo eletrônico, também estava estudando para fazer a seleção do mestrado. Em setembro de 2020 veio o resultado e passei. O mestrado foi todo *online*. Nunca pisei em uma sala de aula da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nunca visitei uma sala de aula da UniRio. Não me ausentei para fazer o mestrado. Estava trabalhando e estudando porque como era a distância, tinha essa possibilidade de continuar, então fiz as duas coisas ao mesmo tempo. Foi uma loucura, mas foi assim.

Revista Eletrônica da ABDF. Você chegou a fazer estágio em Arquivologia em algum arquivo durante o curso?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Fiz estágio desde o início do curso. Iniciei a graduação em dezembro de 2012, início de 2013 e, por volta do terceiro mês de aula, já tínhamos um contato com o pessoal do Arquivo Público do Estado do Pará. Eles fizeram uma palestra para nós e disseram que tinham o interesse de o quanto antes ter esses estagiários lá, e falaram da possibilidade de ter esses estágios voluntariados. Me voluntariei e comecei a estagiar lá. Então, desde o meu primeiro semestre já fui estagiário voluntário. No segundo semestre eles conseguiram uma bolsa e fiquei um ano no Arquivo Público do Estado do Pará. Depois que concluí esse estágio, continuei, porque pelo Governo do Estado só era permitido o contrato de estágio de seis meses renovável por mais seis. Agora mudou. Mas completei um ano, venceu meu contrato, mas continuei estagiando lá por intermédio de uma associação, que tem aqui no Estado do Pará, que é a Associação dos Amigos dos

Arquivos Públicos do Pará. Por meio dessa associação fui contratado como estagiário e eles me mandaram continuar trabalhando no Arquivo Público.

Revista Eletrônica da ABDF. Quais experiências destacaria em relação à sua atuação profissional?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Acho que o período que passei no Arquivo Público como estagiário foi um período muito importante, porque, como falei, fui da primeira turma do Curso de Arquivologia. Tínhamos pouquíssimos professores: nos dois primeiros anos só tínhamos um professor da Arquivologia, que dava todas as disciplinas. Era meio desumano para ele. E conseguíamos, nos estágios, visualizar a prática que faltava na Faculdade. Conseguíamos fazer essa observação de como acontecia na prática, no Arquivo Público, e refletir teoricamente no que vínhamos aprendendo na sala de aula. Então, essa foi uma, porque me permitiu compreender muito essa questão prática.

E o processo eletrônico também. Por que como falei, quando estava no protocolo geral, manifestei uma insatisfação com a função que estava exercendo. Achava que poderia contribuir de outra forma. Quando a diretora da época me convidou para fazer essa questão do processo eletrônico, precisei trabalhar com vários outros setores, várias outras pessoas, de planejamento, de gestão, de orçamento, coisas que não via no meu dia-a-dia no protocolo geral, que era muito revisão, verificar classificação de processo, cadastramento de processo etc. Então, esse contato, essa experiência, essa troca que tivemos de Pró-reitores de gestão de pessoal, de administração, de planejamento, foi muito importante para mim, porque pude ter essa compreensão do planejamento e gestão de uma Universidade. Pude compreender a visão mais ampla, mais holística, realmente, do que é uma IFES, de como podemos construir essas políticas, não só as políticas da própria IFES, mas mais de atividades de assessoramento, de atividade meio, por exemplo. Essa

compreensão foi muito importante, acho que me ajudou a desenvolver as competências de gestão, de planejamento, que foram primordiais para o momento atual.

Revista Eletrônica da ABDF. Você faz parte de uma geração que já fez uso da Internet como ferramenta de busca e acesso à informação como parte da formação profissional, certo? Foi só com informações na *internet*? Outros acervos? O que isso representou na sua formação profissional?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Utilizamos muito a internet mesmo. Como estávamos nesse período de implantação do processo eletrônico, visitávamos muito o *site* das outras IFES para verificar como elas tinham conduzido esse momento de implantação de processos eletrônicos. Então, usamos muito a internet para visitar esses *sites* e verificar os documentos que eles haviam disponibilizado. A primeira fonte era essa, mas depois estabelecemos um contato por telefone, por *e-mail*, fizemos até uma visita técnica no IFRJ¹². Fomos para o Rio de Janeiro fazer uma visita e verificar como era esse processo, mas o primeiro recurso realmente foi a internet, para ver quais as instituições que utilizavam o mesmo sistema que nós e como tinham, basicamente, estruturado.

Revista Eletrônica da ABDF. Em relação aos processos de organização da informação arquivística, como percebe a evolução nas últimas décadas?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Ah, sim. Bastante. Não só para o âmbito digital, mas até para o próprio âmbito físico. Considero que a Arquivologia é uma área que

¹² NE: Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Disponível em: <https://www.ifrj.edu.br/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

começou despontar tem pouco tempo, a produzir conhecimento mais fortemente, tem pouco tempo. Por exemplo, o Arquivo Central aqui na Universidade tinha uma metodologia de organização do nosso acervo, que era muito mais ligado a outras áreas do conhecimento. E hoje, após o processo eletrônico, estamos caminhando para um outro momento, que é a implantação do repositório arquivístico digital. Isso traz várias outras necessidades, porque o repositório arquivístico digital é a preservação digital mais a difusão. E para fazer essa difusão, estamos implementando, nas nossas práticas, as questões das normas de descrição. Estamos precisando ajustar a metodologia que foi elaborada durante os 30 anos passados, de como as coisas se construía, o arranjo arquivístico, a organização dos acervos, para que possamos efetivamente cumprir o que as normas de descrição estão pedindo atualmente.

Revista Eletrônica da ABDF. A sensação que tinha antes, ao conversar com o pessoal da Arquivologia, é que era uma coisa muito do arquivo para o arquivo. E você, agora, está trazendo uma novidade que é exatamente essa questão do arquivo para o mundo, quer dizer, vocês estão agora com uma visão muito diferente da experiência que tive com arquivistas em outros tempos e isso é muito interessante. Além desse processo de descrição, como tem sido, por exemplo, em relação à Arquivologia — não sei se você acompanha isso —, mas tanto o trabalho de vocês em relação aos usuários, quanto em relação a formação dos novos arquivistas?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Essa questão dos usuários e da formação dos arquivistas começamos a discutir um pouco mais durante o próprio mestrado. Tivemos uma disciplina de usos e usuários da informação arquivística, onde fizemos um artigo que era justamente para identificar a produção de conhecimento sobre esse assunto, voltada para os arquivos. Visualizamos que é algo que ainda está muito incipiente. As pessoas ainda não conseguem visualizar, efetivamente, o arquivo voltado para o usuário, e o arquivista sendo formado como mediador realmente da informação, para se aproximar desse usuário.

Na Arquivologia, acho que a formação voltada para esse aspecto ainda é muito incipiente. Tem alguns cursos que têm essas disciplinas em núcleos duros, outros têm como optativa, mas acho que ainda estamos engatinhando de forma muito lenta para que possamos mudar realmente, tirar o arquivista da caixinha, das paredes do arquivo, e trazê-lo para fora. Debates muito isso, principalmente aqui no trabalho, que tem uma geração um pouco mais atual, de pessoal formado um pouco mais recentemente, de que precisamos realmente abrir as portas do arquivo para podermos interagir. Falamos muito das dificuldades, às vezes, de conseguir coisas — recursos financeiros, recursos de pessoal, material — e percebemos, às vezes, que isso está ligado a uma invisibilidade do arquivo nas instituições. Porque muitas vezes não conseguimos comunicar aquilo que fazemos, aquilo que somos competentes para fazer, de que forma possamos contribuir para a eficiência de uma instituição. Tudo isso acho que influencia. Temos tentado trabalhar nessa perspectiva de nos aproximarmos cada vez mais dos usuários, para entender como eles pesquisam, qual a prática informacional deles, etc.

Revista Eletrônica da ABDF. De todo modo, sua geração de profissionais foi testemunha das mudanças que a sociedade vivenciou nesses últimos anos, principalmente em se tratando do uso e acesso à informação e do crescimento das redes sociais como ferramentas de interação com os usuários. Como isso se processou ou acontece em sua unidade de informação?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. A primeira coisa que fizemos quando assumi foi tentar trabalhar uma estratégia de comunicação utilizando as redes sociais, exatamente porque estamos nesse momento de mudança e muitos dos nossos usuários estão nas redes sociais. Criamos um perfil no Instagram e escolhemos o Instagram porque como são várias as redes sociais e nossa equipe é reduzida, então não teríamos pessoal suficiente para administrar vários perfis. Então, decidimos investir no Instagram como essa forma de interação.

Divulgamos o acervo do arquivo central, quais as atividades que ele tem realizado, procedimentos que os servidores e a instituição devem realizar, enfim, tentamos nos comunicar, a partir do Instagram, com esses usuários. Percebemos que é uma troca muito positiva.

Encontramos, durante o tratamento de um conjunto documental da Faculdade de Odontologia, um quadro com fotos dos primeiros formandos do Curso de Odontologia, do início do século XX. Fizemos o tratamento e publicamos esse documento. Os usuários, principalmente o pessoal que trabalha na saúde, os alunos, os professores, interagiram muito conosco. E isso nos trouxe um resultado legal: recentemente, na Universidade, a Faculdade de Medicina, antes ligada ao Instituto de Ciências da Saúde, foi transferida no final do ano passado e criaram o Instituto de Ciências Médicas; o diretor desse Instituto novo nos chamou para conversar, para fazermos um projeto de cooperação técnica, para criarmos um centro de memória da Medicina. Lá tem um acervo arquivístico, tem vários outros tipos de documentos, e estamos construindo um projeto em parceria para que possamos fazer essa casa

de memória que eles querem. Temos conseguido comunicar bastante e é bem legal essa troca estabelecida pelo Instagram, pelo menos no Arquivo Central.

Revista Eletrônica da ABDF. Nesse caso da utilização das redes sociais, ela é aberta, ou seja, qualquer um pode interagir com vocês, ou é restrita à Universidade Federal do Pará?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Não, ela é aberta. Qualquer pessoa pode seguir, comentar, compartilhar as postagens. Ela é aberta para todo mundo.

Revista Eletrônica da ABDF. Na sua opinião, as redes sociais trouxeram contribuições relevantes para as atividades de mediação da informação, transferência de conhecimento, difusão da informação? De que maneira?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Acho que sim, porque grande parte dos nossos usuários, principalmente jovens, estão nas redes sociais. Quando se começa a conversar sobre isso, falar sobre isso nas redes sociais, acho que eles têm essa possibilidade de ter esse contato com algo que, às vezes, não conhecem. Acho que é uma oportunidade que temos para chegar cada vez mais a pessoas que estão um pouco distantes de nós. Comunicar entre nós, entre os nossos pares, é muito fácil, é muito tranquilo, mas acho que a rede social dá essa possibilidade de ampliar esse leque, de chegar em pessoas que queremos chegar e trazer para perto, não só para conhecer, mas também para legitimar a necessidade e a nossa importância enquanto área, enquanto setor, enfim.

Revista Eletrônica da ABDF. Então, pelo que você está dizendo, ela é um instrumento importante bastante relevante no processo de ação da informação arquivística?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Sim.

Revista Eletrônica da ABDF. Quais as características do usuário de hoje, em relação à demanda de informações aos arquivos?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Acho que como começamos recentemente, ainda está um pouco se construindo essa massa de usuários. Mas percebo que, por exemplo, quem interage conosco, é um público bem mais jovem mesmo, que quer saber como as coisas funcionam, como é que o arquivo central decide o que vai

trazer para recolher, para guarda permanente, para história, para memória da Universidade. Mas tem também aquelas questões um pouco mais jurídicas. Temos, nas redes sociais, o pessoal interagindo para saber como é que consegue acesso a um documento que comprove determinada situação. Já tivemos, por exemplo, um aluno de mestrado pedindo que recuperássemos para ele documentos, no nosso acervo, relativos às primeiras escolas de educação física no Estado do Pará. Só que não tínhamos. Acho que ainda estamos construindo essa relação com esses novos usuários.

Revista Eletrônica da ABDF. De todo modo, a partir das redes, você percebe, por exemplo, que a visão de que o arquivo é só aquela coisa da memória, também muda para essa atuação mais do cotidiano da instituição, das IFES?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Sim. Percebo isso porque, principalmente, não sei se porque são alunos de Arquivologia, mas buscamos também, esse processo de comunicar pelas redes sociais, termos algumas postagens explicando por que o documento é limitado e qual a previsão para isso, por que o documento é recolhido e a previsão legal para isso. Então acho que isso acaba aguçando a curiosidade deles também, que passam a ter uma outra visão, e aí eles perguntam sobre. Entende?

Revista Eletrônica da ABDF. Com o advento da internet e da maior facilidade de acesso a conteúdos, como tem sido tratado o desenvolvimento de coleções arquivísticas, no sentido de que o processo de documentação, de desenvolvimento de coleções se dá quando você reúne documentos sobre um determinado assunto ou determinados tipos de suporte. As instituições, hoje, produzem muitos documentos, que estão disponíveis na internet, nas bases de dados, nas redes sociais, etc.? Como o arquivo de uma instituição se preocupa em reunir esse acervo?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Para fazer esse tratamento – que chamamos de recolhimento – temos dois instrumentos básicos, que vão dizer o que deve e o que não deve ser recolhido para essa guarda permanente. Esses são os documentos que serão realmente tratados para a disponibilização, nessa perspectiva mais da história da memória, que é o código de classificação das atividades meio, da administração pública federal, pois estamos dentro de uma autarquia federal – e o código de classificação e tabela de temporalidades das atividades específicas das IFES.

Então esses instrumentos apresentam todos os assuntos para quando se cria um documento, como é que esses documentos se relacionam nesses assuntos. Esses assuntos estão atrelados a uma avaliação, que é essa avaliação que definirá se determinado documento que trata de um assunto pode ser eliminado, ou se ele deve ser recolhido para a guarda permanente. Então fazemos essa aquisição, digamos assim, para esse tratamento por meio da aplicação dos instrumentos.

Então é classificação, avaliação e depois o recolhimento. Utilizamos, como base, esses instrumentos. Além disso, o que pode acontecer, e que já acontece aqui, mas só temos uma ocorrência dessa, é que aqui no estado do Pará viveu o professor Jean Hébette¹³, que foi um padre belga que veio para a Amazônia, veio para o Brasil, graduou-se em economia, fez mestrado, veio para a Amazônia, atuou aqui na Amazônia, e teve uma grande participação no processo de assentamento rural aqui no Estado do Pará. Ele tinha um acervo muito grande que falava sobre isso e em um determinado momento – acho que isso tem uns 20 anos –, fizeram o recolhimento desse acervo pessoal dele para o Arquivo Central da UFPA, porque ele era um professor da Universidade. Então, diferente desse aspecto da aplicação desses instrumentos, teve esse caso específico que foi a aquisição de um acervo pessoal.

¹³ NE: Para saber mais: <https://sbsociologia.com.br/project/jean-hebette/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Revista Eletrônica da ABDF. E como é feito o recolhimento? Porque o conteúdo das redes sociais e de muitos *sites* é, hoje, considerado documento arquivístico. Como se faz o recolhimento desse material publicado pelas redes sociais, pelas mídias e pelos *sites*?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Toda vez que elaboramos uma publicação para a rede social, fazemos a minuta, a arte etc. Guardamos aquela arte no nosso *drive*, nos nossos arquivos, e fazemos a publicação que deve ser feita na rede social. O que pretendemos depois é que isso venha para dentro do repositório digital, porque já são documentos que nascem digitalmente, as artes, como planejamos, os textos. Então a ideia é que quando implantarmos o Archivematica¹⁴, que é o sistema de preservação digital, possamos recolher, para dentro desse sistema, que vai preservar a guarda permanente deles. Mas a ideia da aplicação dos instrumentos é a mesma dos documentos que elaboramos, digamos assim, no dia-a-dia da atividade administrativa.

Revista Eletrônica da ABDF. Você falou que os documentos são classificados. Isso significa que têm algum tipo de controle de vocabulário ou sistema de classificação próprio?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. O sistema que utilizamos para criar os processos eletrônicos e os documentos eletrônicos, já apresenta todos os assuntos desses instrumentos que citei, que é o código de classificação meio e fim. Então quando criamos um documento, já dizemos qual é o assunto no qual deve ser enquadrado. Eles foram produzidos no âmbito do CONARQ, que é o Conselho Nacional de Arquivos¹⁵, e o outro também foi aprovado pelo Arquivo Nacional e foi debatido entre as IFES.

¹⁴ NE: Para saber mais: <https://www.archivematica.org/pt-br/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

¹⁵ NE: Para saber mais: <https://www.gov.br/conarq/pt-br>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Revista Eletrônica da ABDF. Vocês, naturalmente, trabalham com dois tipos de documentos: os eletrônicos e os tradicionais impressos. Vocês têm políticas diferentes para esses dois suportes? Como funciona isso?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. A política de preservação é adequada para cada suporte, então dentro dessa questão da preservação, sim. Mas na classificação e avaliação, a gente segue o mesmo preceito, que é a classificação dos assuntos e avaliação da temporalidade. A preservação é feita de forma diferente.

Revista Eletrônica da ABDF. Mas vocês têm todo um passivo de arquivos, na própria Universidade, que têm que inserir nos sistemas. Vocês têm uma programação de digitalização desse material ou ele vai ficar sempre em papel?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. A gente tem. A implementação do Archivematica e do ICA-AtoM¹⁶, que é uma plataforma arquivística de difusão, é justamente para que possamos divulgar esses documentos. A ideia é que seja digitalizado aquilo que é de guarda permanente, para que possamos preservar digitalmente e difundir. O que vai ser eliminado não temos a pretensão de digitalizar, porque é algo que vai ser eliminado, e evitamos esse gasto de energia.

Revista Eletrônica da ABDF. A legislação arquivística está acompanhando todo esse processo de geração, difusão, utilização da informação arquivística, protegendo vocês do compromisso de preservar essa documentação? Como você vê a evolução da legislação arquivística?

¹⁶ NE: Para saber mais: <https://ica-atom.org/>. Acesso em: 15 jun. 2023.

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Acho que quando falamos de legislação arquivística, considero que legislação arquivística é tudo aquilo que vai afetar o nosso trabalho de alguma forma. Então, por exemplo, temos a lei da Política Nacional de Arquivos, que é a lei 8.159¹⁷, que está até sendo debatida no âmbito da Câmara dos Deputados, porque querem fazer atualização dela. Mas, por exemplo, tem a LAI¹⁸, que afeta diretamente e a LGPD¹⁹ que também afeta diretamente. Então, por exemplo, quando estamos falando aqui do processo eletrônico, da difusão por meio do AtoM, que é o acesso efetivo aos documentos públicos por meio da internet, tem esse grande embate, que é justamente o acesso como regra, mas tenho ali a preservação dos direitos que é a restrição de dados pessoais.

Então acho que isso ainda precisa estar melhor desenvolvido, dentro da Política Nacional de Arquivos. Percebo, no âmbito geral, que os colegas e outros arquivistas com quem conversamos nos grupos, sentem essa falta de um melhor desenvolvimento disso dentro dessa política nacional de arquivos, porque é algo recente, LGPD, por exemplo, é 2018. Mas ainda temos muitas dúvidas acerca de algumas questões que não ficam muito claras para nós.

Revista Eletrônica da ABDF. Na sua experiência e ao longo de seu tempo de trabalho, principalmente considerando as redes sociais como produtoras de informação, quais são os riscos que elas representam como fontes de informação para o desempenho da atividade arquivística?

¹⁷ NE: Para saber mais:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20pol%C3%ADtica%20nacional,privados%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAscias.&text=Art,elementos%20de%20prova%20e%20informa%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 15 jun. 2023.

¹⁸ NE: Lei de Acesso à Informação (LAI). Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.

¹⁹ NE: Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 15 jun. 2023.

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Olha, acho que quando entramos nesse metaverso das redes sociais, estamos expostos a todo tipo de situação, à desinformação, às *fake news*. Acho que o grande risco está mais relacionado à questão da construção de imagem, da desvirtuação do que o arquivo central pode estar fazendo. Então publicar, por exemplo, sobre eliminação de documentos, alguém pode desvirtuar essa eliminação de documentos e dizer, de repente, que a UFPA está eliminando documentos públicos indiscriminadamente. Então acho que essa desinformação que pode acarretar a partir daquilo que estamos elaborando aqui é um risco.

Revista Eletrônica da ABDF. Mas, até o momento, vocês não sentiram isso?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Não, até o momento não sentimos. Acho que uma coisa com a qual nos preocupamos muito é quando vamos elaborar qualquer postagem. Tem que ser o mais didático possível e o mais claro possível para quem não é da área, para quem não conhece os termos técnicos. Então quando fizemos a postagem sobre eliminação, nos preocupamos em deixar bem explicado como é que isso acontece, qual é a previsão legal, onde é que eles podem buscar sobre isso. Deixamos todos os *links* para as leis que remetem e falam sobre essa questão da eliminação. Tentamos esclarecer o máximo para evitar esse tipo de coisa. Não sei se foi por isso que não aconteceu ou se também não veio ninguém com essa intenção, mas ainda não passamos por esse tipo de situação.

Revista Eletrônica da ABDF. Quantas pessoas trabalham com arquivo, sendo arquivistas e técnicos, enfim, na UFPA?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Atualmente são 24 pessoas, que estão sob a jurisdição do Arquivo Central. Como somos uma Universidade muito capilarizada, então temos muitos *Campi* no interior. São muito distantes, é difícil termos esse

contato mais próximo com, por exemplo, municípios que ficam muito no extremo sul do Estado. Algumas pessoas trabalham nos arquivos que têm lá, mas não são arquivos organizacionalmente falando, não são reconhecidos como arquivos, são aqueles depósitos. Mas não temos esse dado no geral. Mas sob a jurisdição do Arquivo Central, de pessoas que conhecemos e sabemos que estão atuando, são em torno de 25 pessoas, sendo 17 no cargo de arquivista, cargos ocupados, desses 14 são formados em Arquivologia, porque como três pessoas são mais antigas na instituição, é do período que ainda havia a previsibilidade de que área afim podia atuar no cargo.

Revista Eletrônica da ABDF. Nessa relação com o usuário de perguntas e respostas dirigidas ao arquivo, vocês detectaram algum processo de compreensão da mensagem que vocês passaram para o usuário e que ele usou de uma forma totalmente diferente do que vocês pensavam?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Não, não teve.

Revista Eletrônica da ABDF. Tem quanto tempo que vocês têm a rede social dinamizada?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Criamos o perfil do Arquivo Central no *Instagram* mais ou menos em novembro/dezembro de 2021, mas começamos a alimentar, efetivamente, em 2022, a partir de março. Quem atuava na elaboração das postagens era eu e outro colega aqui, servidor. Só que como temos várias outras obrigações, não conseguíamos nos dedicar muito na elaboração de postagens, porque são várias outras coisas que precisávamos resolver durante o dia. Então concordamos em fazer a contratação de um bolsista da área para fazer essa elaboração e íamos direcionando, supervisionando, corrigindo os textos ou então até mesmo elaborando, para que ele pudesse fazer as postagens. Essa contratação

foi em outubro do ano passado e, a partir desta contratação, foi quando começamos a ter um pouco mais de padronização nas postagens, de identidade visual, essa questão mais estética. É esse prazo de mais ou menos um ano que temos atuado mais ativamente, sendo que nos últimos oito meses é que temos uma pessoa dedicada só para isso.

Revista Eletrônica da ABDF. Considerando que nas redes tudo é muito dinâmico e rápido, qual a periodicidade das postagens? Vocês têm uma frequência definida ou depende do que têm para noticiar?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Não. Procuramos ter pelo menos duas postagens por semana, que é para não ficar muito tempo ausente e marcar nossa presença ali na rede social. Às vezes, pela correria, por exemplo, nas últimas duas semanas nosso *social media* estava atrás de mim para eu aprovar um texto e eu não estava conseguindo parar para ler o texto, então tivemos umas duas semanas que não conseguimos postar. Mas a frequência que estabelecemos foi de pelo menos duas postagens por semana para que possamos manter essa frequência.

Revista Eletrônica da ABDF. Quais os benefícios e os malefícios que percebe no uso das redes sociais pelos arquivistas?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Em relação aos benefícios, acho que conseguimos ganhar uma legitimidade muito grande por meio das redes sociais. As pessoas têm comprado a ideia do que é o Arquivo Central, entendido como que ele atua na universidade, qual a contribuição que tem para a instituição. Conseguimos, também, fazer várias divulgações de procedimentos internos nossos por meio da rede social, e acho que acabamos conseguindo comunicar muito bem, não só com o usuário externo, mas com os nossos próprios servidores e os alunos da Universidade. Acho que esse tem sido o maior ganho, porque temos vivenciado o

Arquivo Central e as pessoas têm conhecido o Arquivo de uma forma um pouco mais ampla. Especificamente, particularmente da gente, acho que o maior entrave é mais relacionado ao conflito de geração. Por exemplo, para nós é muito clara a função do Arquivo Central e é muito claro as coisas como precisamos comunicar. Mas, para algumas pessoas um pouco mais antigas houve uma resistência de como colocar o Arquivo Central nas redes sociais. Não sei se pelo medo de uma determinada

fiscalização das pessoas, do que diremos que fazemos, essas coisas; e, às vezes, também, em relação à própria construção do texto. Às vezes sentíamos, logo no começo, uma grande preocupação com o jargão, que precisávamos utilizar o jargão da área, que precisávamos utilizar termo técnico, etc., mas esse nunca foi nosso objetivo. Queríamos atuar no sentido de ser o mais claro possível para quem não sabe o que é arquivo, para quem não conhece o que é arquivo; então se a gente enche um texto cheio de jargão que a gente conhece, mas a pessoa que não sabe o que é arquivo não conhece, a pessoa não vai ter a compreensão daquele texto. Então os maiores entraves são mais relacionados a esse conflito mesmo de gerações, de resistências.

Revista Eletrônica da ABDF. E a inteligência artificial? Como fica nesse cenário? E o aprendizado da máquina, como vocês estão vendo os desafios que vocês têm pela frente?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Olha, começamos a fazer alguns testes aqui. Quando o ChatGPT²⁰ começou a bombar e tudo mais, nosso *social media* propôs que a gente o usasse para algumas questões para dinamizar e facilitar o trabalho, porque a gente tem um calendário de postagens, o que queremos postar, mas, às vezes, a

²⁰ NE: Para saber mais: <https://chatgptbrasil.com.br/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

nossa visão pode ser um pouco limitada e ele propôs jogar no ChatGPT o que postar sobre arquivos nas redes sociais. Ele fez um teste e vieram vários itens, vários temas, alguns já tínhamos pensado de uma forma um pouco diferenciada, e muitos outros, não. Então percebemos que poderíamos usar, de alguma forma, a ferramenta para nos ajudar. Mas ainda tem algumas resistências, por exemplo: ele fez um teste para a construção de um texto de publicação, só que foi um texto que ficou meio truncado, meio *Frankenstein*, todo retalhado, e então os textos nós mesmos elaboramos, mas utilizamos para tirar ideias – o que falar sobre determinada coisa – para gerar temas.

E tem uma outra questão também que estamos participando, mas ainda de uma forma muito mais distante, não sei se vocês conhecem, existe o InterPARES, que é um grupo de pesquisa sobre preservação de documentos digitais, documentos arquivísticos, e eles começaram uma etapa agora, que é justamente pesquisar sobre o uso da inteligência artificial para os arquivos. Então a ideia deles é tentar desenvolver alguma ferramenta que possa auxiliar nesse processo de elaboração de plano de classificação e tabela de temporalidade, no próprio processo de descrição onde, de repente, possamos inserir um objeto digital e o *software* faça o reconhecimento dos caracteres e apresente uma proposta de descrição. Mas isso estamos acompanhando de forma muito mais distante, porque é um envolvimento que existe do grupo de pesquisa, sediado no Canadá, mas a Faculdade de Arquivologia daqui tem participação. Fizemos algumas conversas com o professor que participa, mas ainda muito incipientes. Não temos nada muito coeso sobre isso.

Revista Eletrônica da ABDF. Qual o cenário para daqui a 10 anos da arquivologia, do seu trabalho com essas inovações todas, como você vê isso? O que você fará daqui a 10 anos?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Daqui 10 anos acho que vai mudar muita coisa. Em 2013/2014, quando eu estudava – isso tem uns 10 anos – , eu dizia que não

queria trabalhar com documento digital e achava que nunca iria trabalhar com documento digital. Ia deixar isso para os outros colegas, porque como eu trabalhava no Arquivo Público do Estado, com documentos históricos, queria ficar voltado para aquilo, e falava que documento digital não era para mim. E aí me peguei agora, concluindo um mestrado onde falei sobre documentos digitais. Tudo muda muito rápido nesse contexto da produção de documentos, do compartilhamento de informação. Então acho que daqui 10 anos muita coisa vai mudar, espero que possamos ter muitas ferramentas que contribuam para que possamos ter maior eficiência nesse processo de comunicação, de representação arquivística, enfim.

Quero estar aprendendo mais sobre isso também, mas não sei dizer o que virá por aí porque é algo muito incerto.

Revista Eletrônica da ABDF. Essa pesquisa que você citou aí, se for adiante, vai ser uma transformação enorme, correto? A máquina vai começar a fazer a descrição...

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Isso. Exatamente. A ideia é que se faça um *software* e ele possa ler os caracteres dos documentos, para que possa apresentar essas descrições um pouco mais automáticas. Vamos ver o que vem.

Revista Eletrônica da ABDF. Da sua percepção, não sei se você tem um contato com arquivistas no país todo, mas você acha que as instituições estão caminhando, no país, mais ou menos da mesma forma que vocês nessa organização do passivo, mas também trabalhando com o que era anterior e com os documentos natos digitais, processos eletrônicos, etc.?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Acho que elas estão, por um imperativo, fazendo. Sendo obrigadas a atuar dessa forma. Todo mundo foi começando muito

dessa forma. Obrigado a ter que trabalhar dessa forma. Mas acho que não são todas as instituições que têm a mesma compreensão das dificuldades, dos desafios e de como as coisas devem caminhar. Temos um grupo, que é a Rede Arqchive Ifes, que é a rede de arquivistas das instituições federais de ensino superior, tem um grupo em nível nacional que tem vários arquivistas de todas as IFES, e percebo muito essa inabilidade mesmo de trabalhar com essas perspectivas mais atuais e também muito por conta da própria formação.

Uma coisa que tenho conversado muito com os colegas, é que como estamos recebendo estagiários aqui no Arquivo Central, bolsistas e tudo mais, como é que

eles estão chegando para nós? Com o currículo deles atual. Conseguimos, de repente, desenvolver as coisas que a gente está desenvolvendo: Archivematica, AtoM, difusão digital, preservação digital, com o currículo atual das faculdades de Arquivologia é meio unânime que esse currículo precisa ser revisado, no âmbito nacional, porque o documento digital é uma realidade. As instituições foram obrigadas, a partir de 2015, a trabalhar com documentos eletrônicos, os processos eletrônicos, e isso foi o que foi obrigando o pessoal a trabalhar. Então ainda precisamos avançar muito para que as pessoas possam compreender como é que se constrói, como é que se cria o documento arquivístico digital, o que ele é de fato, essa cadeia de dígitos binários, como isso vai ser preservado. Então acho que temos um desafio muito grande, porque acredito que, na área, a formação ainda não está preparada para lidar com esse novo momento, que é essa sociedade digital, digamos.

Revista Eletrônica da ABDF. A pandemia alterou muitas formas de trabalho, como você mesmo falou. Vocês tiveram que apressar a automação de processos. Além disso, que outros impactos a pandemia teve, considerando a atuação profissional dos arquivistas especificamente na UFPA?

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Como não tínhamos iniciativa nenhuma voltada para essa parte digital, então todos os arquivistas precisaram começar a entender um pouco mais desse tratamento da gestão no universo digital, entender o que é o processo eletrônico, o que é o Archivematica... Porque era totalmente voltado para o papel, para o físico. Foi difícil até na nossa área de arquivo entrarmos na proposta de remoto, porque a atividade era totalmente voltada para o papel. Então tinha que vir para fazer o tratamento aqui, aí foi se fazendo o revezamento, etc. e só ao longo do tempo, com a implantação do processo eletrônico, que isso foi mudando, que começamos a poder fazer isso. Mas ainda tivemos muitas dificuldades de ajuste a esse novo momento na área de arquivo. Acho que isso vai começar a mudar agora quando começarmos a implantar a preservação e a difusão nos sistemas.

Revista Eletrônica da ABDF. Finalizando, gostaríamos de agradecer sua disponibilidade, os conteúdos que você trouxe, que serão super interessantes para nossos leitores.

Cristian Mayko Carvalho da Costa. Eu que agradeço a vocês pelo convite. Espero que, realmente, o pessoal goste de ler essa entrevista, que se interessem, que visitem o nosso *Instagram*, @arquivocentralufpa, se quiserem ver também como temos construído essa comunicação, está aberto. Agradeço muito.